

RIACHUELO

Pelo Asp. a Oficial

Fernando Allah Moreira Barbosa

O dia 11 de Junho, a meu ver, deve, antes de mais nada, ser dedicado ao culto dos heróis do memorável feito que hoje se celebra. A nossa palestra, portanto, será encaminhada no sentido da exaltação dos vultos destacados de Riachuelo.

Em que pese, porém, o nosso intuito, somos obrigados a uma ligeira vista d'olhos nas operações da batalha.

Trata-se, no entanto, apenas de uma rememoração sucinta, que visará, somente, a coordenação dos fatos, para melhor lógica e encadeamento do assunto.

Assim, vejamos em primeiro lugar qual o plano do inimigo, quando forçou a esquadra brasileira a essa luta.

Tendo tido a iniciativa do ataque, e, sobretudo, encontrando os aliados desprevenidos, puderam os paraguaios levar a sua ofensiva até os campos da Argentina e do Brasil.

A esquadra brasileira, no entanto, trazia o Exército de Lopes no constante sobressalto de um desembarque de tropas aliadas na sua retaguarda, coisa muito possível, como, aliás, o demonstrou o "raid" do General Paunero à cidade de Corrientes, então em poder do adversário.

Urgia, conseqüentemente, destruir o poder naval do Brasil para, dominando o rio Paraná, prosseguir na ofensiva encetada. Ficava o comando inimigo, portanto, na dura contingência de tentar essa destruição, fosse de que maneira fosse. E' veiu então a batalha naval de Riachuelo.

Por outro lado, a livre navegação do rio Paraná era de absoluta importância para os aliados, de vez que era por êle que se reabasteciam os seus exércitos, dada a falta de comunicações terrestres.

E' por isso que, vencendo em Riachuelo, a esquadra do Brasil abriu o verdadeiro caminho da vitória final.

Não resta a menor dúvida de que tôda a glória dêsse combate pertence aos brasileiros, cuja audácia, sangue frio e espírito de improvisação lograram subrepujar, não só as forças adversárias, mas sobretudo uma série de circunstâncias desfavoráveis.

Todos os brasileiros podem e devem se orgulhar dessa façanha, porque, em Riachuelo, os nossos chefes se revelaram perfeitos condutores de homens, cheios de iniciativa e de habilidade. E, o que é mais, porque todos os nossos marinheiros souberam se portar como legítimos defensores da honra nacional.

Passando em revista os brasileiros que tomaram parte nesse grande feito da nossa história, não se pode, como bem frisou Barroso, no seu relatório, destacar ninguém em particular, tal a bravura e o denodo com que todos procuraram vencer, cumprindo assim, fielmente, a missão que o Brasil lhes confiara.

E aqui estamos nós, meus senhores, para render homenagem a êsses homens. A êsses mesmos homens que, em 1865, já afirmavam ao mundo que o Brasil era uma Nação constituída, capaz de se levantar, como um só homem, sem nenhuma discrepância, em defesa da honra nacional ultrajada.

Enganam-se os derrotistas que vivem por aí a afirmar, levemente, senão criminosamente, que o Brasil não possui tradições.

Somos, em verdade, um povo jovem. Estamos, porém, já bem longe de sermos um povo em formação.

E para os céticos, os demolidores contumazes, os descrentes, a história guardou em suas páginas a arrancada gloriosa de 11 de Junho de 1865, onde o Brasil, pelo valor dos seus filhos, soube se impor e se fazer respeitar.

Não nos é lícito supor que uma nação, onde o sentimento de Pátria não esteja profundamente arraigado, produza homens como Barroso, Marcílio Dias, José Correia da Silva.

Nada mais justo, portanto, que a homenagem prestada, no dia de hoje, aos marinheiros de Riachuelo. Entretanto, além de rendermos um preito de gratidão aos que em horas amargas souberam se mostrar dignos do Brasil, temos outro fim, quando promovemos reuniões como esta. E' que, como bem disse Prado

Maia, é conhecendo o passado do Brasil que aprendemos a amar o seu presente e a confiar no seu futuro.

De fato, como não confiar no futuro de uma nação que produziu um chefe do quilate de Barroso? Pode-se, acaso, exigir de um comandante maior bravura, mais sangue frio, melhor conhecimento dos seus comandados?

Como não confiar no futuro de uma nação, cujos filhos são capazes de sacrifícios como o de Marcílio Dias? Existirá na história maior exemplo de abnegação, de espírito de sacrifício, de amor à causa da Pátria? Um pavilhão que conta com defensorés dessa espécie nunca foi nem será derrotado e, muito menos, humilhado.

Poderíamos e deveríamos, talvez, relembrar aqui algumas das façanhas praticadas em Riachuelo. Elas, porém, estão vivas na memória de todos e nós julgamos desincumbidos da nossa missão só com o suscitar esta comunhão de espírito, elevando todos os nossos sentimentos, num preito de saudade e de civismo, até à memória dos nossos heróis.

Se é motivo de orgulho para o Brasil a tradição que vem mantendo de amor à paz e à fraternidade universal, não menos orgulhosos devemos nos sentir ao recordar o brilhantismo das nossas armas e o heroísmo dos nossos soldados.

No momento crítico que o mundo atravessa, nós nos sentimos seguros pela certeza moral de que, sempre que preciso, os brasileiros saberão se portar como os marinheiros de Riachuelo. E nós sabemos que nunca foi vencida uma nação que tem consciência de nacionalidade.

O Brasil vibra, no dia de hoje, numa imensa apoteose de entusiasmo, exaltando a glória dos seus filhos. Em todo o mundo, onde quer que bata um coração brasileiro, haverá hoje um pensamento especial dedicado a Riachuelo.

Nós nos devemos orgulhar disso, que só os povos virís, nos quais o individualismo e o materialismo ainda não suplantaram a idéia de Pátria, sabem cultivar os seus heróis.

Brasileiros que me escutais! Lembrai-vos de que êsses homens, cuja memória veneramos, se sacrificaram, pagando com o próprio sangue a confiança que depositavam no futuro do Brasil. E êsse futuro está em nossas mãos. Somos nós que deve-

mos edificá-lo, talvez, com idênticos sacrifícios. E fôra covardia, falta de brio, que nós também não soubessemos ser brasileiros. Até hoje, ser brasileiro significou ser ordeiro, amante da paz, disciplinado, progressista e, mais que tudo, patriota. Esperemos que o futuro não nos desminta.

Fôra inútil glorificar e venerar os bravos de Riachuelo, se a memória dêles não acendesse, dentro de nós, o desejo de imitá-los, quando necessário.

Mas o exemplo dêesses homens não foi só de sentimento. Foi mais longe; e êsse é um aspecto importantíssimo da questão, sobretudo para nós, militares.

Alguém disse algures, que a maior arma do soldado é a cabeça. Eis uma verdade incônteste. E foi com a cabeça que se ganhou a batalha de Riachuelo. Se é fato que, nessa ocasião, todos os que lutavam sob a bandeira brasileira porfiaram em se mostrar o mais valente e o mais digno, não é menos verdade que todos, desde o comandante em chefe até o mais humilde dos marinheiros, se revelaram perfeitamente senhores das suas funções.

Uma ligeira vista pela história dos povos é o bastante para se constatar que as operações militares se tornam, cada dia, mais científicas, exigindo dos chefes grandes e variados conhecimentos. E' êrro crasso supor que o entusiasmo, a bravura, o denodo e a vontade de vencer sejam suficientes para construir a vitória. Ainda que de importância capital, êsses fatores são apenas corolários, de grande influência, como auxiliares, que são, da técnica e da capacidade dos comandantes. E isso não de agora. Pensar assim fôra pura leviandade, que a vitória sorriu sempre ao mais capaz. O caso de Riachuelo é típico.

Passemos os olhos pelo local da luta. Constatamos, imediatamente, que os brasileiros iniciam o combate em situação de franca inferioridade. Colhidos de surpresa pelas baterias de Bruguez os navios nacionais sofrem, desde logo, graves avarias. De um lado é o Belmonte que, separado dos demais, encalha nos baxios da ilha Cabral, para evitar o sossôbro. O Jequitinhonha, procurando escapar à sorte do primeiro, executa manobra forçada e, por sua vez, encalha, ficando diretamente sob os fogos da artilharia adversa. A Parnaíba, igualmente, encalha por ter

o leme avariado. A situação é, sem dúvida, crítica. E' nesse momento que aparece Barroso, revelando-se como grande chefe. E de par com os exemplos de bravura que todos conhecemos, surgem as manobras bem imaginadas e melhor executadas, des-norteando o inimigo e roubando-lhe a vitória, tida como certa.

Não é necessário grande descortínio para concluir que, naquele momento supremo, a vitória pendeu, unicamente, da iniciativa do chefe, indo, logo depois, concretizar-se na quilha do Amazonas.

E' no momento em que a experiência falha, em que as lições passadas já não podem aproveitar, que deve surgir o comandante, o condutor, criando coisas novas e legando lições aos pósteros. Para aplicar, em dado momento, o que outrem já executou, não se requer, necessariamente, **grande capacidade.**

Napoleão foi Napoleão porque criou, remodelou, modificou. Assim também Barroso. Não fosse a sua inesperada e inteligente manobra, utilizando a quilha do Amazonas como ariete, a vitória teria sorrido, possivelmente, ao inimigo. E' por isso que, cultuando-lhe a memória, exalçando-lhe a bravura, o Brasil não deve esquecer nunca as lídimas qualidades de chefe que o caracterizaram.

Meus senhores!

Tenho, talvez, abusado da vossa paciência, excedendo-me na enumeração de minúcias já por demais conhecidas de todos.

Coisas há, porém, que devem ser ditas e reeitas, para que se gravem, indelêvelmente, na memória de todos.

Estatisticamente as perdas brasileiras foram maiores que as do adversário. Mas, ainda que tivéssemos perdido o dôbro do que perdemos, a vitória não nos teria saído cara, tal a sua importância estratégica e moral.

A história tem provado que é nos momentos críticos que os laços nacionais se solidificam. O sangue brasileiro derramado no Paraguai unificou o Brasil pelo luto de que cobriu as suas famílias, tornando comum o patrimônio de cada uma delas. Mesmo porque, como já afirmou alguém, o sangue do herói é a semente de onde germinarão, no futuro, outros heróis. E, quem sabe se o Brasil voltará ou não a precisar do sangue e da proteção dos seus filhos? Esperemos que não. Mas espe-

remos na certeza de que, em tal emergência, a nação brasileira saberá, como sempre soube, defender o seu patrimônio, as suas tradições e a sua independência.

Nunca será de mais salientar a missão de confraternização que o Brasil se arrogou no seio das nações do novo continente. Jamais fomos imperialistas. Jamais nos improvisamos em protetores de quem quer que fosse. Jamais, porém, abdicamos, nem abdicaremos, da nossa suzerania. Para isso, o Brasil confia na capacidade dos seus dirigentes e repetindo a frase de Barroso, "espera que cada um cumpra o seu dever".

E, no dia de hoje, aniversário do maior feito naval da América do Sul, a nação brasileira, agradecida, rende uma justa e eloquente homenagem aos que tombaram em sua defesa, escrevendo nas páginas da história um dos mais lindos capítulos de dedicação e de espírito de sacrifício.

Deve, necessariamente, ser uma grande Pátria, a Pátria que viu nascer e embalou homens como os que se bateram em Riachuelo. E' por isso que o Brasil marcha, confiante no futuro, para um porvir cheio de glória, de grandeza e de fecundas realizações.

Muito ainda poderíamos dizer, mas não é necessário. O nosso intuito foi apenas falar aos sentimentos dos que nos ouvem. Nada dissemos de novo, que o nosso fim era outro e não mostrar conhecimentos. Quizemos mesmo falar ao coração, despertar recordações. Esse objetivo, cremos ter atingido. E isso nos satisfaz.

E agora, terminando, resta-nos, tão somente, levantar a voz até onde repousam os heróis de Riachuelo, para dizer-lhes que o seu sacrifício não foi inútil e que a Pátria soube guardar com carinho a memória do seu feito, reservando-lhes um lugar destacado entre os homens que construíram a maior Pátria da América Latina.

(Palestra feita no 2.^o Batalhão de Pontoneiros, em Cachoeira, no dia 11 de Junho).

A Aeronáutica Soviética

Tradução de um artigo do Cmt. HENRY LAPORTE,
inserto em "La Revue d'Infanterie", de Agosto de 1939.

Pelo 2.º Ten. **Washington Sylvio Fonsêca**

O estudo recente do general Armengaud consagrado à "Aeronáutica Soviética" (1) apresenta um interesse evidente, porquanto procura "determinar quais poderiam ser a importância e o valor da colaboração soviética na manutenção da paz", examinando sucessivamente a questão sob os diferentes aspectos seguintes:

A SITUAÇÃO DA INDÚSTRIA AERONAUTICA E OS OBSTÁCULOS A SEU DESENVOLVIMENTO

A indústria aeronáutica, inexistente na Rússia czarista, foi organizada durante a guerra e destruída pela Revolução. Há uma quinzena de anos somente que "a firma alemã Junkers dotou a U.R.S.S. de uma fábrica moderna bem aparelhada". Mas a colaboração alemã, manifestamente interessada, não durou muito, e foi o emprêgo do primeiro plano quinquenal, de 1927 a 1932, que dotou o país, a custa de "enormes sacrifícios", de estabelecimentos para a fabricação dos motores e dos aviões, de laboratórios, de centros de experiências, de escolas profissionais, escolas de engenheiros e de técnicos. Este esforço prosseguiu durante o segundo plano quinquenal até 1937 e chegou a resultados que não devem ser desconsiderados e que são os seguintes:

— a despesa das fábricas de aviões passou de 250 a 300 células no ano passado a cerca de 500 este ano; entretanto, este número constitue somente "o elemento necessário à renovação do antigo material" e não dá margem a um "excedente que possa ser cedido ao estrangeiro";

— a produção dos motores é de 9.000, em vez dos 18.000 previstos no programa; não pode ser muito aumentada, "pois a mão de obra qualificada é totalmente utilizada"; estes motores são: um russo de 750 CV, demasiado pesado

(1) *Politique étrangère*, n. 3, junho de 1939, pag. 290.

por unidade e três motores estrangeiros de 800 CV, um Wright-Cyclone, um Hispano e um Gnôme et Rhône de 12 cilindros; experimenta-se levar a potência do motor russo a 1.000 CV;

— os acessórios, reproduções de material estrangeiro, “pecam pela imprecisão e a rapidez de usura”;

— Se bem que a “metalurgia soviética tenha conquistado um excelente lugar no mundo, o segundo, conforme se diz, “a qualidade das ligas deixa a desejar” e “sua quantidade, como sua variedade, permanece insuficiente”. A U.R.S.S. ainda se vê na obrigação de importar e nada, portanto, poderia ceder como materiais de construção ou matérias primas sem prejuízo para sua indústria aeronáutica”.

Entretanto, “seria errôneo negar à indústria aeronáutica dos Sovietes, sob pretexto de socialização e de nacionalização, a possibilidade de igualar os outros países no tocante à qualidade. Certos sucessos obtidos na Espanha (aviões de caça I. 15 e I. 16 e de bombardeio rápido S.B.) provam o contrário”.

Em suma, a U.R.S.S. só poderia “dar seu apôio à Polônia e à Rumânia sob a fórmula de material aéreo construído ou sob fórmula de matérias primas e de materiais preparados ou usinados” após constituição de estoques na proximidade destes países, em razão de seu potencial de fabricação ainda insuficiente e da “precariedade de seus meios de transporte”.

O EXÉRCITO DO AR

O pessoal — O órgão encarregado da preparação dos especialistas militares, a Osso-Aviakhim, tem sabido “crear na mocidade uma corrente magnífica pró aviação”. Mas, a formação dos especialistas incumbe principalmente às escolas do exército onde se constata que “a falta de instrução geral dos alunos prejudica a rapidez de sua formação”.

Entretanto, o exército do ar “é constituído pelos melhores elementos da nação” e as qualidades individuais destes soldados são grandes e reconhecidas” se, “por falta de tradição e de experiência, o pessoal de comando carecer da homogeneidade”.

O material — Se bem que “difícil de avaliar”, o número de aparelhos em serviço pode ser estimado em 5.000: 1.500 de caça, 1.500 de informação, 1.000 de assalto e 1.000 de bombardeio. Dêste efetivo total, “1.500 dos aparelhos estão fixados no Extremo-Oriente”.

Os 3.500 aviões que se acham na Europa compreendem:

— aviões de bombardeio de duas espécies: quadrimotores e bimotores. Os primeiros são excelentes, mas antiquados com seus 240 quilômetros por hora; um aparelho de mesmo tipo está em via de realização “cuja velocidade seria de 450 quilômetros por hora e o teto de 8.000 metros”. Haveria, além disso, 600 aparelhos do modelo dêsse bimotor rápido que serviu na Espanha (S.B.) mas êste tipo foi ultrapassado, se bem que pouco, em diversos países;

— aviões de caça de dois tipos, que eram, há dois anos, excelentes: o I. 15, extremamente manobrável de uma velocidade de 350 quilômetros por hora e o I. 16 de 750 CV, aparelho moderno muito reforçado, atingindo 420 quilômetros por hora e de uma docilidade muito grande, suplantado ligeiramente pelo Messerschmidt alemão”; prototipos novos estão em construção ou em experiência “que fariam mais de 500 quilômetros por hora”;

— aviões de informação inferiores aos das outras potências;

— dois tipos “aviões de assalto armados respectivamente de 6 a 8 metralhadoras e capazes de fazer bombardeio em **piqué**”

O paraquedismo — Muito desenvolvido, transformado em verdadeiro “esporte popular” (mais de 1.300 círculos de paraquedismo desde 1935), o paraquedismo está muito em evidência! Enquanto que em 1935 “uma missão francesa assistia a uma descida de 600 paraquedistas”, em 1937 “1.200 homens, 150 metralhadoras, 18 canhões e um automóvel de comando desciam em paraquédas a 60 quilômetros atrás de uma frente. Alguns dias mais tarde, era uma divisão de 2.200 homens com armas e bagagens”.

O corpo de paraquedistas compreende 60.000 homens ao qual o Alto Comando soviético parece fixar três espécies de missões:

- proteção de um desembarque de fôrças por avião;
- cobertura de uma operação ofensiva pela posse de um ponto importante do terreno;
- destruições.

Organização — Organizado como o exército do ar francês, o exército do ar da U.R.S.S. compreende uma aviação orgânica de 4.000 aparelhos (composto de 51 brigadas ter-

restres a grupos e 7 brigadas marítimas) e uma aviação autônoma de 1.000 aviões, formada de 5 divisões a 2 brigadas de caça e de bombardeio. Parece que este exército do ar autônomo deveria ser mais numeroso, para poder "dar rapidamente seu apôio" a um vizinho atacado. Entretanto, apesar da falta de organização "inspirada numa ação aérea ofensiva contra um agressor eventual", deve-se notar que este exército do ar autônomo está "inteiramente no Ocidente" e que "500 bimotores de bombardeio parecem orientados para a Prússia Oriental..."

O presente e o futuro — "Atualmente e num futuro imediato, parece que a U.R.S.S. não está em condições de intervir com grandes forças aéreas fora de seu território para uma ação em massa e rápida". Vimos, em outro ponto, que ela não pode dar aos Estados vizinhos "um auxílio substancial interessante e rápido em material moderno, materiais de construção ou matérias primas".

Certamente "a Rússia é um grande país, cujo potencial é imenso". Todavia, sem esquecer que "a aviação russa, ainda quasi inexistente em 1927, ocupava o primeiro lugar no mundo em 1937", o general Armengaud supõe que na hora atual a Rússia não representa "para os Estados vizinhos, com sua aviação e sua indústria aeronáutica senão um apôio necessário, porém limitado". E' excusado dizer que reproduzimos esta opinião, de certo autorizada, sem tomar partido de modo algum e para a exclusiva informação de nossos leitores.